

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

Caninos Brancos

Jack London



leon



TRALHASVARIAS.BLOGSPOT.COM

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

Caninos Brancos

Jack London



Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

Caninos Branco

Jack London

EDITORIAL



PUBLICA

Tradução de Maria Auta de Barros

Copyright © 1977, 1986 by Pendulum Press, Inc. (United States of America)

Todos os direitos reservados para a publicação desta obra em Portugal pela
EDITORIAL PUBLICA, LDA.

Av. Poeta Mistral, 6-B — 1000 Lisboa

Capa: José Antunes

Revisão gráfica: António Marques Francisco

Composto por Texttype — Artes Gráficas, Lda.

Impresso por Printer Portuguesa, Indústria Gráfica, Lda.

Edição n.º 522

Acabado de imprimir em Maio de 1986

Depósito Legal n.º 11 253/86



O Autor

Jack London nasceu em 1876, em São Francisco. Filho de família de poucos recursos, cedo teve de começar a trabalhar.

Deixou-nos, porém, 50 livros, entre romances e contos, em grande parte baseados na sua experiência pessoal como marinheiro e pesquisador de ouro.

A região gelada do noroeste do Canadá serviu de cenário a «Caninos Brancos». Nesta obra, London escreve sobre a cria de um lobo que aprende a viver no mundo dos homens. É interessante notar que os animais heróis por ele criados são seres mais nobres do que muitos dos homens que com eles se cruzam.

Jack London

Caninos Brancos

Adaptação
NAUNERLE FARR

Ilustração
FRED CARRILLO

Produção
VINCENT FAGO

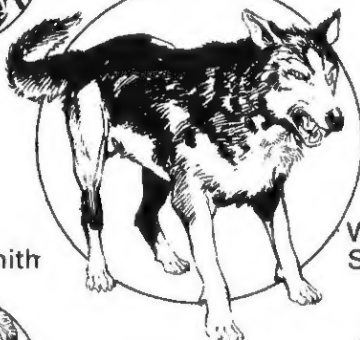


Kiche

Gray
Beaver



Smith



White Fang

Weedon
Scott



Bill

Henry



*Dos dois lados do rio gelado erguia-se uma floresta
sombria, na região selvagem do Norte.
Estavam 50° negativos.*



*Rio gelado
abaixo vinham
dois homens com
uma matilha de
cães a puxar um
trenó, que
transportava uma
caixa comprida e
estreita, um
caixão com um
morto.*

*A medida que a luz do dia
curto e sem Sol desaparecia,
erguia-se no ar o uivo dos
lobos.*

A-u-u-u-u-u-u-u-u-u!
A-u-u-u-u-u-u-u-u-u!



Vêm atrás
de nós,
Bill.

A caça é pouca.
Há dias que não
vejo um coelho.



Amarraram os cães a uma árvore e montaram acampamento.



O caixão
servia de
assento e
mesa.

Acho, Henry,
os cães
muito perto do
acampamento.

Eles lá sabem.
Preferem comer o jantar,
a servirem de jantar.

Quantos cães
temos, Henry?

Seis.

Quando lhes dei de
comer tirei 6 peixes e
dei um a cada cão.
E faltou-me um!

Contaste
mal.

Tirei 6 peixes
e não chegou
para
o One Ear*.
Voltei
para buscar
mais um.

Ora, só
temos
6 cães!

Eu vi sete.
Um deles
fugiu pela
neve.

Estás a pensar
que foi um
deles?



Sim. Mas porque não se atiraram
a ele os outros cães?

A-u-uuuuuu!



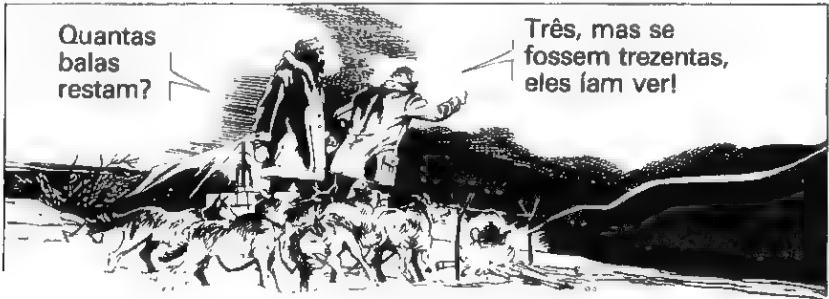
Foi interrompido por um longo
uivo saído da escuridão.

Assustados, os cães chegaram-se para o fogo.

À volta do acampamento formara-se um círculo de olhos brilhantes.

Quantas
balas
restam?

Três, mas se
fossem trezentas,
eles iam ver!



Adormeceram,
levantando-se
de vez em
quando para
pôr mais
lenha na
fogueira.
Levantaram-se
às 6 para
partirem, mas
ainda
faltavam 3
horas para
nascer o dia.

Henry, agora
só há 5 cães!
O Fatty*
desapareceu!

Isso é
mau!



* palavra inglesa que significa gorducho

Uma vez fora daqui, não tem hipótese. Sempre foi um cão tolo.

Nenhum cão seria tolo para fugir assim.



Os homens aparelharam os 5 cães, carregaram o trenó e partiram. O dia nasceu às 9 horas. Às 3 da tarde, a luz cinzenta esmoreceu, e eles prepararam-se para acampar outra vez.

Apanhou metade de um peixe, mas eu cheguei-lhe. Ouviste-o uivar?



Como era ele?

Parecia um cão. Deve ser um lobo manso.

Tem de ser, para se atrever a vir aqui buscar comida.



Nessa noite, o círculo de olhos ficou ainda mais próximo.

Quem me dera que encontrassem uma manada de alces* e nos deixassem em paz.

Gostava era de já estar a chegar a Fort McGurry!



* espécie de veado que existe nos países nórdicos

*Na manhã seguinte,
Henry acordou com os
gritos de Bill.*



O Frog era
o cão mais
forte do
grupo.

E não era
tolo!



*Nessa noite,
Bill fez os
possíveis para
manter os
cães a salvo.*

Pronto!
Isto
segura-os.

De manhã ainda
cá estão
todos, vais
ver!



Mais tarde, ouviu-se um ruído onde os cães estavam amarrados.

Olha!
O parvo
do One Ear
não parece
assustado.

É uma loba!
O que explica a fuga
do Fatty e do Frog!



* palavra inglesa que significa rã

Ela serve de isca.
Atrai o cão, depois os outros
atiram-se a ele e comem-no!



Um lobo que é
capaz de se
juntar aos cães
na hora da
comida,
conhece os
homens.

Tens razão.
Aquele lobo
é meio cão
e já comeu
da mão do
homem
muitas
vezes.



*Na manhã seguinte,
Bill não estava aflito
— até que viu Henry.*

Não!
Como
aconteceu
isso?

O Spanker*
desapareceu!



O One Ear
roeu-lhe
a corda.

Acabaram-se os
problemas do
Spanker. Deve
andar pela
floresta na
barriga dos
lobos.



* palavra inglesa que significa colosso

Ao meio-dia, Bill pegou na espingarda.

Continua,
Henry.
Eu vou dar
uma vista
de olhos.



Não te
afastes do
trenó!
Só te restam
três balas.

Uma hora depois, Bill reapareceu.

Eles vêm a
acompanhar-nos.
Quanto a mim,
sabem que nos
podem apanhar.

Queres
dizer, que
julgam
que nos
apanham!



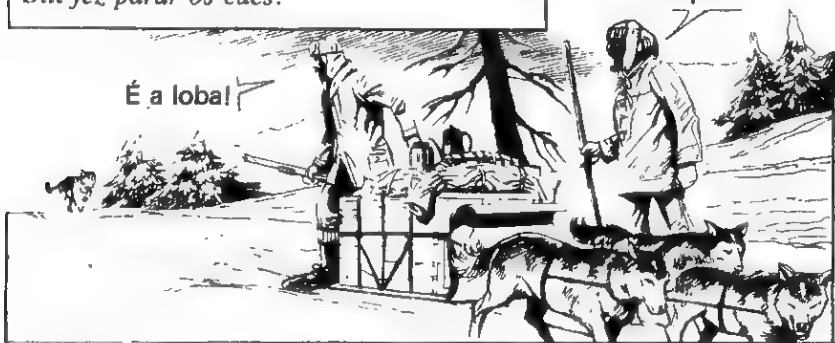
Eu vi alguns deles.
Estão magros que
se lhes vêm as
costelas!
Só te digo que
estão esfomeados!



*Minutos mais tarde, Henry assobiou baixinho.
Bill fez parar os cães.*

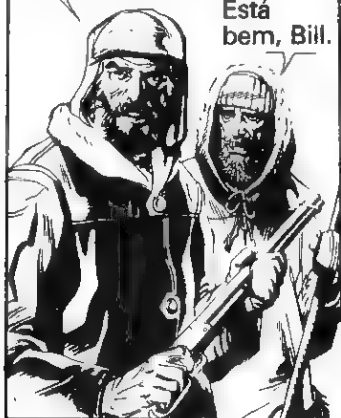
Parece um
grande cão
esquimó!

É a loba!



É um tiro certo, Henry!
Ela já nos levou
três cães, temos
de pôr fim a isto.
Que me dizes?

Está
bem, Bill.



*Mas antes que Bill apontasse
a arma, a loba desapareceu.*

Olha para
aquilo!



Devia calcular!
Um lobo
que se junta aos cães,
conhece as espingardas.



Aquele
bicho é a
causa dos
nossos
problemas
e eu vou
atrás dele!

Não te afastes!
Se a alcateia te
atacar, essas
3 balas serão
como uma gota
de água!



Acamparam no começo da noite.

*É lógico que
três cães
não têm
a força
de seis.*

*Vou ver se
eles não roem
as cordas esta
noite.*



*Mas os lobos aproximaram-se tanto que os cães ficaram agitados de medo.
Bill teve de atear o fogo várias vezes.*

*Há tubarões que
seguem os navios.
Estes lobos são
tubarões de terra!*



*O dia
seguinte
começou
bem.
Nenhum
dos cães
fugira.
Porém,
ao meio-dia,
o trenó
virou-se.*

*Vem cá,
One Ear!*



Mas One Ear fugiu.
E lá longe, na neve,
aguardava-o a loba.

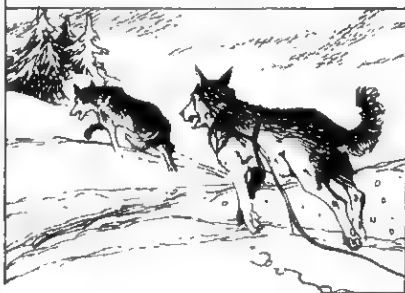


Vem cá, One Ear!
Volta aqui!

Quando ele se aproximou,
a loba parecia rir-se.



Cada vez que ele tentava
aproximar-se, ela
afastava-se, fazendo-o
chegar-se ao perigo.



Tarde demais, One Ear percebeu o seu erro.
Uma dúzia de lobos apareceu para o impedir de voltar ao acampamento.



Bill!
Aonde vais?



Não aguento
mais!
Se eu puder,
eles não levam
mais nenhum
cão!

De arma na mão, Bill mergulhou
nos arbustos que cresciam ao pé
do trilho.

Tem cuidado!
Não te
arrisques!



Henry sentou-se
à espera.
Não podia fazer
mais nada.
Perto dali,
Bill, o One Ear e a
alcateia tinham-se
encontrado.

Tudo aconteceu num instante.
Soaram três tiros.



Pum!
Pum!
Pum!

Oh, não!
Gastou as balas!
Agora não tem
hipóteses!
Nunca mais o vejo.



Ouviram-se rosnadelas e uivos:
o grito de dor de Bill, o uivo de um lobo.
E foi tudo.
Os uivos extinguiram-se.
Voltou a reinar o silêncio.

*Por fim, Henry levantou-se e mexeu-se devagar.
Aparelhou os dois cães que restavam, pegou num machado
e passou uma corda à volta do ombro.*



*Os lobos fizeram
um círculo apertado
à volta dele.
Apenas o fogo
os mantinha
afastados.*

*Acampou
cedo,
apanhou
bastante
lenha e fez a
cama perto
do fogo.
Mas não ia
dormir
bem.*



*Pouco a pouco, o círculo foi-se fechando.
Então, pegou em achas a arder e atirou-as à alcateia.*



*Tomem, seus
demónios!*

De manhã, a alcateia afastou-se.

Henry começou a fazer o que planeava durante a noite.



Na sua terra, era capaz de ter chegado a velho!

Não percebo como um homem que é senhor na sua terra vem para este cabo gelado do mundo!



Com as cordas do trenó e a ajuda dos cães, içou o caixão para a plataforma que construira.

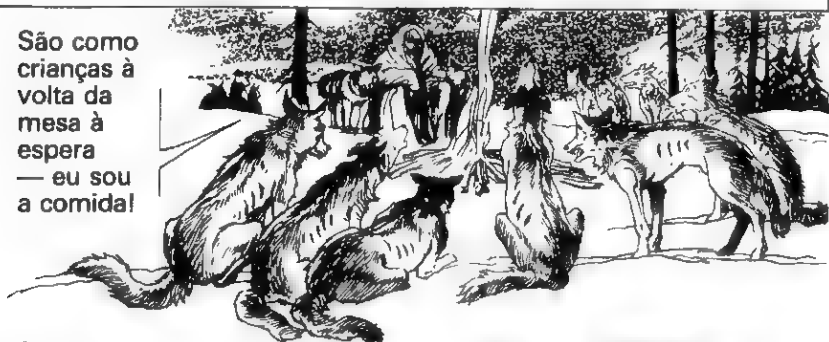


Apanharam o Bill e são capazes de me apanhar, mas a si não o levam, Lord Alfred!

Voltou para o trilho com o trenó a saltar por cima da neve. Os lobos estavam mais ousados e acompanhavam-no atrás e ao lado. Parou ainda antes da noite e serviu-se desse tempo para cortar bastante lenha.

*Com a noite cresceu o perigo. Henry ficou perto do fogo.
Tentou não dormir. Mas os lobos continuavam a aproximar-se.*

São como
crianças à
volta da
mesa à
espera
— eu sou
a comidal



*Toda a
noite os
afastou com
achas
ardentes.
Pela
primeira
vez, os
lobos não
fugiram
ao
amanhecer.*

Tenho de
arranjar lenha!
Vou deitar
abaixo aquela
árvore morta.



*Na noite seguinte, quase morto, Henry perdeu os dois cães.
Como última medida, fez um círculo de fogo e sentou-se no meio.
Mas a manhã chegou, o fogo já quase não ardia e não havia mais lenha.*



Podem vir
quando quiserem.
Seja como for,
eu vou dormir!

Um pouco mais tarde, algo o acordou.



Como?
Aconteceu
qualquer
coisa.



Os lobos foram-se!

*Ouvii
vários
gritos e
quatro
trenós
que
chegavam.*

Uma loba
grande... primeiro
comeu a comida
dos cães... depois
os cães... e depois
o Bill.

Acordel!
Onde está
Lord Alfred?



Deixei-o numa
árvore, na
última paragem.



Morto?

E num caixão.
Deixem-me
dormir, agora.
Não posso
mais!



*Os homens, os trenós e os cães tinham
afastado os lobos, que foram
procurar outra comida.*

Mas ao longe ainda se ouvia o grito de uma alcateia esfomeada que seguia agora outro trilho.

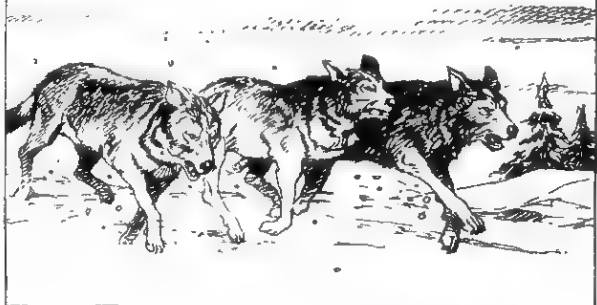


Andaram muitos quilómetros até a sua busca ser recompensada. Encontraram um alce. A luta foi breve.



O alce pesava 400 quilos. Havia comida para todos. Saciada a fome, a alcateia separou-se. Dois a dois, macho e fêmea, os lobos afastaram-se.

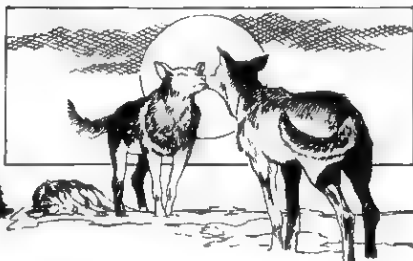
A loba partiu com o lobo velho e zarolho de um lado, e um outro grande e novo do outro.



Chegou o dia em que os dois lobos lutaram um com o outro, enquanto a loba assistia.



A sabedoria do mais velho venceu. Quando o jovem lobo caiu morto na neve, One-Eye foi ter com a loba.*



Depois disso, partiram para caçar matando e comendo juntos. Passados uns tempos a loba começou a ficar inquieta. Parecia procurar qualquer coisa.

Os buracos debaixo das árvores caídas pareciam atraí-la.



Farejava as fendas grandes das rochas.



Explorava as grutas nas margens dos riachos.



Por fim, encontrou o que procurava perto de um riacho gelado que no Verão corre para o rio Mackenzie.



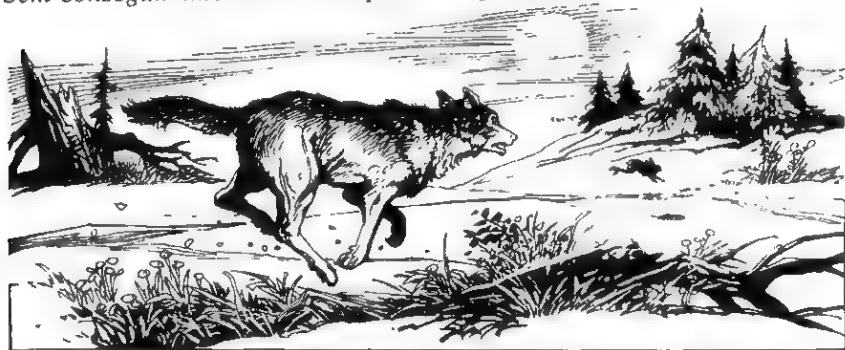
Para entrar na gruta teve de rastejar um bocado.



As paredes alargavam-se formando uma sala redonda. Era seca e acolhedora. Depois de dar algumas voltas, a loba deitou-se com um suspiro de cansaço.



One-Eye tinha fome. Lá fora brilhava o Sol de Abril e cheirava a Primavera. Sem conseguir interessar a companheira, partiu sozinho.



*Voltou oito horas mais tarde e parou à entrada da gruta.
De lá de dentro vinham ruídos estranhos.
Entrou e foi recebido com uma rosnadela de aviso.*



One-Eye já fora pai muitas vezes, mas de todas, era uma surpresa. Após uma hora de sono, partiu outra vez para caçar para a família.

Ainda de olhos fechados, as crias procuravam o leite e a língua quente da mãe.

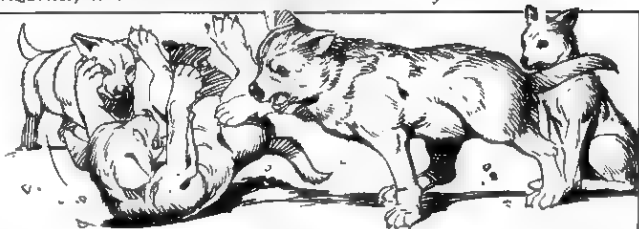


Quando já se podiam mexer, descobriram que ela tinha patas que as faziam rolar quando se aproximavam demasiado da entrada da gruta.



*Quatro das crias eram avermelhadas como a mãe.
Uma delas era cinzenta, um autêntico lobo como One-Eye.*

Era o mais forte da ninhada e o primeiro a fazer rolar os outros com uma patada.*



Foi ele o primeiro a agarrar os outros pelas orelhas e a puxá-las.



Então, voltou a fome. As crias dormiam a maior parte do tempo. No campo, não havia carne. A loba deixou a ninhada para ir caçar para ela. One-Eye foi para longe.

*Por fim, One-Eye morreu numa luta com um lince**.*



* conjunto de animais nascidos do mesmo parto

** mamífero carnívoro

Quando voltou a haver comida, só restavam a cria cinzenta e a mãe.



As crias tinham aprendido a não se aproximar da entrada da gruta, mas o cinzento estava a crescer e era curioso. Um dia, quando estava só, chegou à entrada da gruta e viu o mundo!



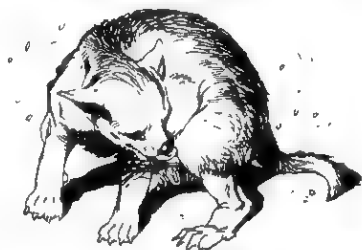
De repente, rolou pela ravina abaixo.



*Parou lá no fundo e olhou à volta.
Estava muito assustado.*



*Mas não aconteceu nada.
Levantou-se e sacudiu o pó
que se agarrara ao pêlo.*



*Partiu em exploração.
Um esquilo assustou-o.*



*Mas o
esquilo,
assustado
também,
trepou a
uma
árvore.*



*Cheio de
sorte,
encontrou um
ninho de
tetrizes*.*



*Piu! Piu!
Piu! Piu!*

* espécie de galinha

Apanhou uma com a boca. Comeu-a. Sabia bem.
Comeu-as todas e depois lambeu a boca. Era um caçador!
Por fim, começou a ficar sonolento. Partiu à procura da gruta.

Pelo caminho, encontrou uma
coisa pequena e viva
— uma doninha* bebé.



Então ouviu um grito assustado.
A doninha mãe atacou-o.



A cria não sabia que
a doninha era um
animal muito
perigoso.
Tentou lutar,
mas a doninha
enterrou-lhe os
dentes na garganta.



A cria cinzenta teria morrido
se a loba não tem aparecido.
A doninha deixou a cria e
atirou-se à garganta da loba.

Sacudindo a cabeça como um chicote, a loba atirou a doninha ao ar,
apanhou-a entre as mandíbulas e matou-a.



A loba e a cria roçaram os focinhos.
Comeram a doninha e voltaram para
a gruta para dormir.

* pequeno mamífero de pêlo preto

Um dia, encontrou umas criaturas como nunca vira.

A cria cinzenta foi crescendo e aprendeu que ou comia ou era comida. Mas as grandes lições ainda estavam para vir.



Algo lhe disse que o homem, o animal de duas pernas, era dono e senhor de todas as coisas. E teve medo.

*Olha!
Tem os caninos
brancos!*

*Vai lá
apanhá-lo!*



*Uma mão tocou na cria.
Os seus dentes fecharam-se,
mordendo-a.*



*Revoltado, o
homem
bateu-lhe,
atirando-o ao
chão.*



*Perdeu a vontade de lutar.
Sentou-se e uivou.*

A-uu-uuuuuuuu!



*Apesar do medo, ouvira um som.
Os índios também.
A sua mãe que rosnava
enquanto corria.*

Gr-r-r-r!



*A loba avançou para eles.
A cria correu para ela.
Os índios retrocederam.*

Gr-r-r-r-r!



*Um dos homens chamou surpreso.
A cria sentiu a mãe
mexer-se ao ouvi-lo.*

Kiche!
Kiche!



*A cria viu a mãe
agachar-se,
abanar a cauda,
fazendo sinais
de paz.
E não mordeu
quando os
homens lhe
tocaram.*

Ela fugiu há um ano,
quando houve fome e não
havia comida para os cães.

Tem vivido
com os
lobos!



Esta cria é sinal disso!
Não é de espantar.
A mãe da Kiche era uma cadela,
mas o pai era um lobo!



Este tem pouco
de cão e muito
de lobo!
Tem os
caninos brancos*
e por isso esse
será o seu nome!



*Gray Beaver** amarrou Kiche a uma
árvore e White Fang deitou-se ao seu lado.
Depressa o resto da tribo
regressou ao acampamento.
Havia muitos cães,
que atacaram White Fang.*



* em inglês, White Fang

** expressão inglesa que significa castor cinzento

*Poucos segundos depois, ele estava de pé.
Viu os animais-homens
afugentarem os cães.*



*Começou a perceber que o homem fazia
e executava as leis.*

*Os índios
continuaram
a sua marcha.
Um animal
— homem pequeno
levava Kiche e
White Fang ia atrás.
Após uma
longa viagem,
acamparam no rio
Mackenzie.*



*White Fang estava interessado em tudo.
Viu Gray Beaver fazer qualquer coisa com uns paus e ervas secas.*

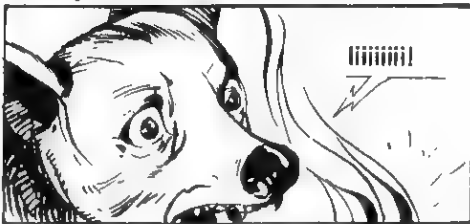


*Está bem, White Fang!
Aproxima-te!*

De repente, uma coisa parecida com neblina saiu debaixo das mãos de Gray Beaver.



Apareceu uma coisa viva, que se contorcia e era da cor do Sol. White Fang tocou-lhe com o focinho — e afastou-se dolorido e com medo.



Ficou a conhecer o fogo e que o homem era o seu autor.

Um cachorro maior e mais velho do que White Fang, a que chamavam Lip-lip, tornou-se seu inimigo. Sempre que ele se afastava da Kiche, o provocador aparecia e começava a brigar.



White Fang não podia vencer Lip-lip. Mas viu-se forçado a ser um bom lutador.

Um dia, Gray Beaver trocou Kiche com Three Eagles*.

Um pedaço de tecido, uma pele de urso, vinte balas — e a Kiche!

Aceito!
Vai tudo servir-me na minha viagem ao lago Slave.



* expressão inglesa que significa três águias

White Fang viu levarem a sua mãe para a canoa de Three Eagles. A canoa afastou-se. Ele atirou-se à água e seguiu-a.

**White Fang!
Volta aqui!**



Gray Beaver foi atrás dele zangado. Quando conseguiu apanhá-lo, tirou-o da água e bateu-lhe.



Quando White Fang chegou a terra, fraco e cansado, Lip-lip atirou-se a ele. Impossibilitado de se defender, as coisas iam correr mal para ele. Mas o pé de Gray Beaver acertou em Lip-lip e atirou-o ao ar.



Era outra vez a lei do homem. White Fang ficou agradecido. Aprendeu que o homem se reservava no direito de castigar.

Depressa White Fang aprendeu a dar-se bem com Gray Beaver. Aprendeu a obedecer. E quando obedecia não lhe faziam mal.

Gray Beaver chegava às vezes a dar-lhe carne. Até o defendia dos outros cães enquanto ele comia.



Mas ele sentia a falta de Kiche e ansiava pelo seu regresso. Sentia falta de viver em liberdade.

No Outono, chegou a ocasião. Os índios desmancharam o acampamento. Desmontaram as tendas, carregaram as canoas e prepararam-se para a caça.

Ele esperou uma oportunidade para fugir para a floresta. E atravessou um riacho para esconder o rasto.



Escondeu-se na floresta e não se mexeu quando ouviu as vozes de Gray Beaver, da mulher e do filho que o chamavam.

White Fang!
Vem cá!
White Fang!



As vozes extinguíram-se.
A noite veio.
Pouco depois, saiu do seu esconderijo.
Estava frio e ele estava só.



Por cima dele, uma árvore estalou.
Ele assustou-se.
Correu como louco para a aldeia.



Queria fogueiras e comida, mas
a aldeia desaparecera.
Onde estivera a tenda
de Gray Beaver,
sentou-se virando o focinho
para a lua.

A-uuuuuu
UUUUUUU!



De manhã, decidiu-se.
Tomou o trilho rio abaixo.



Durante 30 horas, White Fang correu sem comer nem descansar. Trepou montanhas, atravessou a nado a foz dos rios que iam desaguar no rio principal.

Estava fraco e coxo, as patas doíam-lhe e sangravam.



Enquanto caminhava, começou a nevar. De repente, sentiu o cheiro que procurava.



O acampamento de Gray Beaver! Os índios tinham morto um alce. White Fang cheirou o fogo, ouviu as vozes. Correu direito a Gray Beaver à espera de castigo.



Em vez de lhe bater, Gray Beaver deu-lhe carne e protegeu-o dos outros cães enquanto comia.

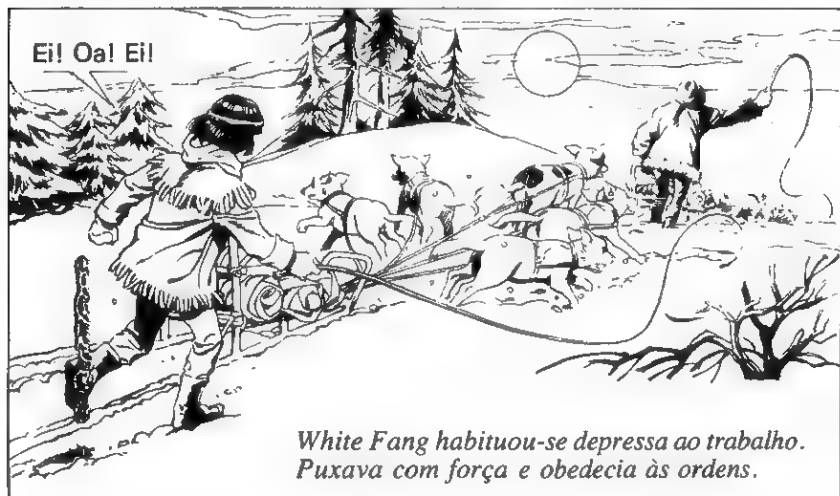


Mais tarde, deitou-se aos pés de Gray Beaver, feliz, perto do fogo.



Escolhera deitar-se ao pé do fogo do homem e ser governado por este.

Depressa White Fang aprendeu a puxar um trenó. Primeiro com outros cachorros, foi aparelhado ao trenó de Mit-sah, o filho de Gray Beaver. Lip-lip, o maior dos cães mais novos, era o chefe da equipa.



White Fang habituou-se depressa ao trabalho. Puxava com força e obedecia às ordens.

Os anos passaram.
White Fang cresceu
e tomou corpo.
Aprendeu mais
sobre luta.
Tornou-se chefe da
equipa e chefe dos
outros cães.
Não tinha amigos
entre os da sua
espécie, mas
chefiava-os com a
sua coragem
e habilidade.

Acompanhava Gray Beaver em longas viagens.
Nas aldeias, quando os outros cães lhe
rosnavam, ele lutava e vencia.

Nunca vi animal
assim!
É o mais
forte e o mais
rápido de todos!

Ele provou-o pelas
mortes que causou
entre os nossos
melhores cães.



No quarto Verão, White Fang foi com Gray Beaver para o forte Yukon.
Estava-se em 1898. Milhares de caçadores de ouro passavam por ali a
caminho de Klondike*.

Trouxe muitas peles,
luvas e mocassins**
para vender.

Fazes bem!
Podemos ganhar
muito dinheiro aqui!



* região do Alasca onde foi descoberto ouro

** sapato de pele usado pelos índios

*Pela primeira vez,
viu homens brancos.*

*Olha para este.
Parece um lobo.*

*Vê lá se ele te
morde a mão!*



*No Yukon viviam poucos homens brancos.
Mas os barcos a vapor traziam mais para explorar o ouro.*



*White Fang depressa percebeu que o homem branco era mais forte
do que o índio, mas os seus cães não.
Mal o viam, atiravam-se a ele.
Ele lutava com o que o atacava e depois deixava-o aos cães dos índios.
Mas os homens brancos vinham sempre salvar os seus cães.*



Entre os poucos homens que viviam no forte, estava o «Belo» Smith, assim chamado por ser feio.

Cuidado, Smith!
O lobo ainda te come.

Ele é bom.
Não é?
Um verdadeiro assassino!
Quero este cão!



Ele sabe lutar!
Mata outros cães como
o homem mata moscas.
Não o vendo por nada!

Gosto dele!
Quero-o!



White Fang estava presente quando Smith visitou Gray Beaver. E logo sentiu que ele era um homem mau.

Quanto
queres
pelo cão?



Pelo White Fang?
Ele é o cão
mais forte
que tenho!
Não há
cão igual em
todo o Yukon!

Smith voltou muitas vezes com uma garrafa ou duas de uísque debaixo do casaco.

Esta água-fogo
faz-me sede.
Quanto mais
bebo, mais me
apetece.

Pois bebe!
Eu posso
arranjar
muito mais!



E Gray Beaver começou a fazer tudo por uísque. Gastava o dinheiro todo. Smith voltou a falar-lhe em White Fang e ofereceu-lhe garrafas em vez de dinheiro.

Uma noite, Gray Beaver amarrou uma coleira ao pescoço de White Fang e sentou-se ao seu lado.



«Belo» Smith apareceu. Quando se aproximou, White Fang rosnou.



Então, Smith pegou num pau.

Dá-me a ponta da trela!



Smith segurou bem a trela. Quando White Fang se atirou a ele, bateu-lhe com o pau e atirou o cão ao chão.

Claro! Isto ensina-o!

Não tarda a saber quem manda.



Amarrado do lado de fora do forte, White Fang roeu a trela e voltou para Gray Beaver. Smith foi buscá-lo com um pau e um chicote e Fang apanhou a pior sova da sua vida.



Tens que aprender quem manda!

Arrastado para o forte, White Fang foi preso dentro de uma cerca. Os homens brancos riam-se dele.



Mas Smith tinha um motivo para o que fizera.

Achas que o teu cão vence o Fang? Queres apostar?

Claro!



Armado de um pau, Smith foi à cerca tirar a corrente a White Fang.



A porta da cerca foi aberta de novo.

Lá para dentro entrou um cão muito grande.



Atira-te a ele!



Eis onde White Fang podia descarregar a sua ira! E saltou.

Os homens aplaudiam a luta. Não havia esperança para o outro cão.



Smith recebeu o dinheiro da aposta, que lhe tilintou nas mãos.



Nenhum cão é capaz de vencer o teu!

Devias chamá-lo lobo lutador!

Depressa White Fang venceu todos os cães. Smith levou-o no barco a vapor até Dawson, onde pagavam 50 cêntimos em ouro em pó para o ver. Ele venceu lobos adultos. Por fim, defendeu-se contra um lince adulto — e venceu.

Depois disso, houve um período sem lutas, até que Tim Keenan apareceu na cidade.

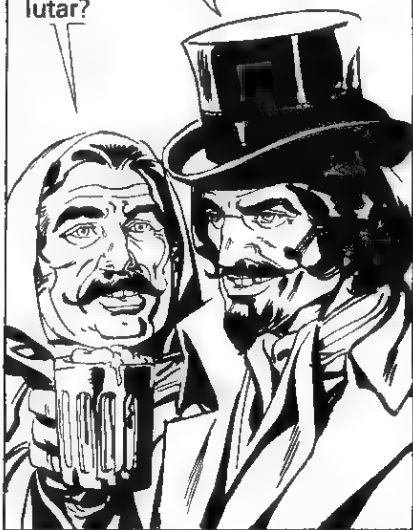
Oiça lá,
que cão é
esse?

É o Cherokee.
Deve ser o
primeiro buldogue
a entrar no
Klondike.



Ele
sabe
lutar?

É essa a função
dele!



Foi marcada uma luta, e nesse dia reuniu-se uma multidão para observar.

Anda Cherokee!
Atira-te a ele! Come-o!



Rápido como um gato, White Fang saltou, atacou e afastou-se.

Atacou de um lado...



... e do outro...



... e do outro...



Cherokee foi muito mordido, mas seguiu sempre White Fang. Era muito baixo para ser derrubado. As suas mandíbulas largas protegiam-lhe a garganta.

Por fim, num dos ataques, Cherokee agarrou a garganta de White Fang — e não a largou. Fang rebolou várias vezes. Fez Cherokee cair, mas nada o fazia largá-lo. Por fim, Fang caiu.

Fang!
Levanta-te e luta!



White Fang estava a sufocar. Smith, louco de raiva, começou aos pontapés. De repente, da multidão saíram dois estranhos.

Seu bruto!



Com um murro, Weedon Scott derrubou Smith. Depois, ele e o seu amigo Matt ajoelharam ao pé dos cães.



Não consigo separá-los, Sr. Scott. Vai ter de forçá-los.

Scott tirou a arma e meteu-a entre os dentes de Cherokee.



Pouco a pouco Scott abriu-lhe a boca até libertar White Fang.



Está quase morto, mas ainda respira!

Quanto vale
um bom cão
de trenó, Matt!

Trezentos
dólares.
Mas um neste
estado vale só
metade.



Fico com o
seu cão.
Dou-lhe cento
e cinquenta
dólares por
ele.

Eu não vendo!
O cão é ouro!
Eu tenho os
meus direitos!



Você não é um homem!
É um animal!
Fica com o dinheiro
a bem ou a mal?



*Na cabana de Scott, descansado e
alimentado, White Fang melhorou.
Mas agora temia e odiava os homens.*

É um belo animal.
Mas acho que
ninguém o
amansa.

Vê o que os
homens lhe
fizeram!
Vai demorar,
mas a bondade
há-de acabar
por vencer.



Havia bondade na voz e nas mãos de Scott. Por fim, White Fang deixou que lhe fizessem festas.

Algum tempo depois surgiu um sentimento que ele não conhecia: amor pelo dono.

Nunca pensei que isto acontecesse!
Não sei o que ele fará quando se for embora.
Você é o deus dele!

Eu sei Matt.
Mas não posso levar um lobo para a Califórnia!



Terminado o trabalho como perito de minas, Scott estava pronto para partir. E White Fang sabia-o. Pela primeira vez, os homens ouviram o seu uivo.

A-uuuuu
UUUUU!

Escute!
Ele está a chorar!
E deixou de comer.
Só não sei como ele sabe!

Mas eu não posso levá-lo para a Califórnia!



Chegou a manhã da partida de Scott. O barco a vapor esperava no cais.

Tens a certeza que White Fang está preso?

Sim, senhor!
Bem fechado!



No cais, Scott
e Matt
despediram-se.

Adeus, Matt.
Escreve a dizer como
se dá o White Fang.

Veja! É ele!



Veja, Scott!
Tem golpes
no focinho e
na barriga!

Parece que saiu
pela janela, partindo
vidros e tudo!



Posso usar isto
para o levar para
terra.

Não!
O White Fang vai
comigo para a Califórnia!



A chegada a S. Francisco foi um pesadelo para White Fang. As ruas estavam cheias de perigos. Havia carros, carroças, automóveis. Os carros eléctricos tocavam constantemente a campainha.



Calma!
Deixa-te
estar perto de mim.

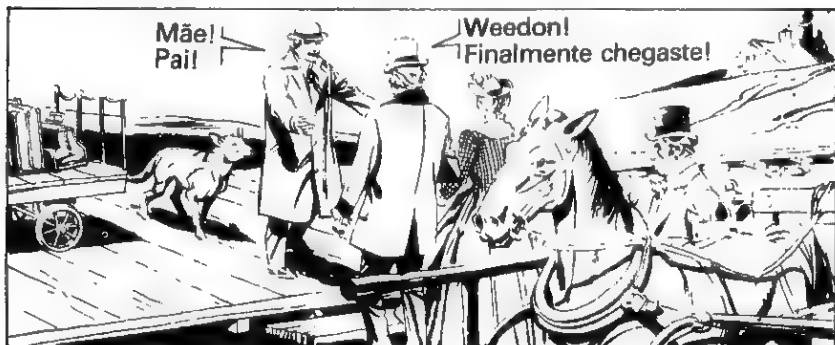
Amarrado a um canto de um vagão de mercadorias, julgara que ficara para trás, até lhe dar o cheiro da bagagem do dono. Então, ficou de guarda a ela.



O seu cão não
me deixa tocar
nas suas coisas!

Não faz
mal, Fang.
Nós salmos
aqui.

O pesadelo da cidade ficara para trás. Lá fora, era a calma do campo, uma carruagem à espera.



Mãe!
Pai!

Weedon!
Finalmente chegaste!

A mãe de Weedon Scott abraçou-o e White Fang quase a atacou.

Cuidado!
Pára!



Não faz mal,
mãe.
Ele julgou que
me ias atacar.
Ele depressa
aprenderá.

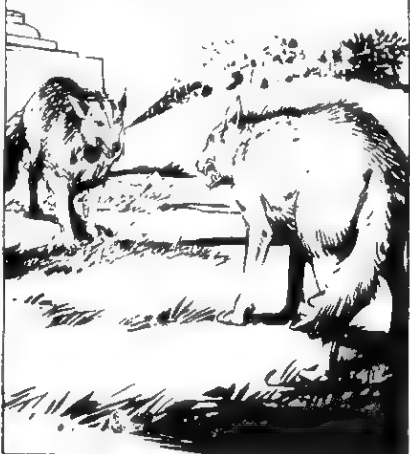
Até lá, terei de
beijar o meu
filho sem o
cão saber!



Fang correu atrás da carruagem até Sierra Vista, a casa de Scott.



Teve problemas quando encontrou Collie, um cão pastor irado. Atirou-se a ele em silêncio.



Mas Collie era uma fêmea!
Ele parou.
Não podia atacá-la.



Mas Collie sabia que devia odiar e temer os lobos.
Durante muitos meses, mordia White Fang sempre que ele se aproximava.

Mas este limitava-se a atirá-la ao chão.



Fang era esperto.
E fazia tudo para agradar ao dono.
Com o passar dos meses, aprendeu muitas coisas novas.
Entre elas, a gostar da família do dono.

Além do juiz e da Sra. Scott, pais de Weedon, havia a sua esposa Alice e os dois filhos Weedon e Maud.

Ele é tão forte!
Receio que magoe as crianças!



Aprendeu a diferenciar os animais da quinta, em que não devia tocar...

Não, Fang!
Mau!



... dos animais selvagens que ele podia caçar como sempre.

Está bem, Fang.
Caça-o!



A maior alegria de White Fang era ir com Scott quando ele andava a cavalo.

Um dia, o cavalo caiu, e Scott partiu uma perna.

Vai a casa e diz o que aconteceu. A casa, Fang!



A família estava sentada na varanda quando ele chegou.



Mas Fang afastou-os a rosnar e saltou para a frente do juiz!



Fang virou-se para a mulher de Scott. Deitou os dentes ao vestido e puxou até rasgá-lo.



Fang correu escada abaixo e levou-os até ao dono. Depois disto, a família passou a ser mais carinhosa com ele.

À medida que os dias ficavam pequenos e se aproximava o segundo Inverno de Fang no Sul, ele percebeu que as dentadas de Collie já não magoavam. Ela tornara-se brincalhona.

Um dia Scott tencionava montar. O cavalo estava à porta e o White Fang ao lado.



Mas quando Collie o mordiscou e saiu a correr, ele foi atrás dela. Scott montou sozinho nesse dia. E White Fang correu com Collie como Kiche, a sua mãe, correrá com One-Eye há muitos anos atrás.



Nessa altura, os jornais só falavam da fuga de um criminoso chamado Jim Hall, da prisão de San Quentin.



Ela levantava-se todas as noites e deixava White Fang dormir na entrada. De manhã, punha-o na rua outra vez.

Numa noite, White Fang acordou com o cheiro de um estranho que subia silenciosamente as escadas.



Lá em cima dormia o seu dono e a família. Enquanto o homem subia, Fang atacou-o.



Ao acender a luz, o juiz Scott e Weedon desceram as escadas.

A família acordou, com uns ruídos terríveis. Houve tiros, gritos, rosnadelas, e o som de cadeiras a partirem-se. Acabou tudo em três minutos.



Voltaram-se para White Fang.

Receio que esteja morto, pobre cão!



Ao fim de hora e meia, o médico falou com Weedon e Alice.

Uma pata partida, três costelas partidas e três tiros — dou-lhe muito poucas hipóteses.



Mas White Fang era muito forte. As semanas passaram e ele melhorou.



Foi tirado o gesso. Vai ter de aprender a andar outra vez. Levem-no lá para fora. Não lhe faz mal.

Ele foi para a rua, como um rei com toda a família à sua volta. Ainda estava fraco e deitou-se na relva a descansar.

Cão bonito. Assim é que é!



Vamos chamar-lhe lobo abençoado.

A família continuou a andar. Chegaram aos estábulos. À entrada estava Collie e meia dúzia de cachorros a brincar ao Sol.



Não sabias que já tinhas família?

Collie rosou, mas o dono puxou um dos cachorros para Fang.



Olha para
ele, Fang...
é teu
filho!

*Os focinhos
tocaram-se.
White Fang
lambeu o focinho
do cachorro.
A família
bateu palmas
e gritou
de alegria.*

Ele
saberá
que é
filho
dele?

Claro que
sabe!



*Fang deitou-se e os
outros cachorros
vieram ter com ele.
Enquanto os seus
deuses humanos
batiam palmas, eles
trepavam e rolavam
sobre o pai.
Então, satisfeito, Fang
fechou os olhos e
adormeceu ao Sol.*



FIM

PERGUNTAS

1. No começo da história, como é que os cães de Henry e Bill lhes foram levados e mortos?
2. Quem era a loba que comia peixe da mão de Bill? Como sabes?
3. Explica o que faz uma isca.
4. Descreve algumas das aventuras vividas pela cria cinzenta quando começou a conhecer o mundo.
5. Gray Beaver era amigo da cria cinzenta, a que chamou White Fang? Como sabes?
6. Porque é que Gray Beaver acabou por vender White Fang ao «Belo» Smith?
7. Porque é que o «Belo» Smith queria comprar White Fang? Que achas da maneira como ele o tratava?
8. Como é que White Fang retribuiu a bondade que Weedon Scott demonstrou por ele?

PALAVRAS A APRENDER

aparelhar
isca
ninhada

agitado
alce
lince

tetraz
doninha
faro

Biblioteca RTP

Clássicos em Banda Desenhada

*Os maiores escritores de sempre,
ilustrados pelos melhores artistas modernos!*

Iniciativa editorial conjunta da
Radiotevisão Portuguesa
e Editorial Publica

volumes publicados:

- Alexandre Dumas OS TRÊS MOSQUETEIROS
Lewis Wallace BEN HUR
Alexandre Dumas O MÁSCARA DE FERRO
Anna Sewell O CAVALO PRETO
H. G. Wells A GUERRA DOS MUNDOS
Rudyard Kipling LOBOS DO MAR
Sir Walter Scott IVANHOE
Júlio Verne A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
Mark Twain AS AVENTURAS DE TOM SAWYER
H. G. Wells O HOMEM INVISÍVEL
Sir Arthur Conan Doyle O CÃO DOS BASKERVILLES
Robert Louis Stevenson A ILHA DO TESOURO
Anthony Hope O PRISIONEIRO DE ZENDA
Júlio Verne 20 000 LÉGUAS SUBMARINAS
Daniel Defoe ROBINSON CRUSOE
Herman Melville MOBY DICK
Charles Dickens OLIVER TWIST
Sir Arthur Conan Doyle SHERLOCK HOLMES
Joseph Conrad LORDE JIM
Stephen Crane SOB A BANDEIRA DA CORAGEM
Jonathan Swift AS VIAGENS DE GULLIVER
Jack London CANINOS BRANCOS

a publicar:

Baronesa Orczy O PIMPINELA ESCARLATE